



ALFABETIZAÇÃO INTERCULTURAL INDÍGENA: APRENDER A LER E ESCREVER NA ALDEIA GALANDJUREJ – POVO ZORÓ¹

Tapip ZORÓ¹
Agnaldo ZAWANDU ZORÓ²
Josélia Gomes NEVES³

RESUMO

Este texto apresenta alguns elementos extraídos do Relatório Final do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) por meio do Subprojeto: *Alfabetização Intercultural & Etnoconhecimentos - aquisição e apropriação da cultura escrita em escolas indígenas de Rondônia*, UNIR - Campus Urupá de Ji-Paraná. Situa-se na Linha de Pesquisa Alfabetização & Cultura escrita do Grupo de Pesquisa Educação na Amazônia (GPEA). A finalidade principal do Plano de Trabalho foi analisar de forma introdutória, como as crianças indígenas da Escola Municipal Indígena Zawyt Wawã - Anexo 5, da Aldeia Galandjurej, Terra Indígena Zoró, em Rondolândia-MT são alfabetizadas. Foram adotados os procedimentos metodológicos bibliográficos, narrativos e documentais. Inferimos que as crianças Zoró *Pangyjěj* aprendem a ler e escrever por meio de representações icônicas (desenho), relacionadas ao contexto indígena e veiculadas na língua indígena e posteriormente em português. Concluímos que as atividades registradas nos cadernos escolares evidenciam práticas de alfabetização ora ancoradas na corrente empirista, ora, na concepção construtivista, o que sugere reflexões junto à comunidade e a formação docente intercultural se é esta a prática pedagógica desejável para a comunidade.

Palavras-chave: Povo Zoró *Pangyjěj*. Aldeia *Galandjurej*. Linguagem Pedagógica.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos envolvendo a linguagem pedagógica apontam que o processo de alfabetização em contextos indígenas apresenta um conjunto de singularidades interculturais. (NEVES, 2009). Neste sentido, nosso propósito neste texto foi

✓ Sistematizado a partir do Relatório Final do PIBID Indígena (2018-2020).

¹ Estudante indígena, bolsista do PIBID Indígena da Licenciatura em Educação Básica Intercultural – UNIR/DEINTER. E-mail: tapipzoro521r@gmail.com.

² Supervisor, bolsista do PIBID Indígena da Licenciatura em Educação Básica Intercultural – UNIR/DEINTER. E-mail: gujambazoro@hotmail.com.

³ Docente da Universidade Federal de Rondônia. Coordenadora do Subprojeto PIBID Indígena da Licenciatura em Educação Básica Intercultural – UNIR/DEINTER. E-mail: joseliagomesneves@gmail.com.

apresentar aspectos do que foi possível discutir no Subprojeto: *Alfabetização Intercultural & Etnoconhecimentos* - no âmbito da Licenciatura em Educação Básica Intercultural da Universidade Federal de Rondônia, Campus Urupá de Ji-Paraná. Em relação à fundamentação teórica fizemos uso de contribuições referentes à alfabetização intercultural (NEVES, 2009), educação em perspectiva bilíngue (MONSERRAT, 1994), alfabetização construtivista (WEISZ, 2000), a pesquisa narrativa (CUNHA, 1997), História do Povo Panyjeje (ZAWANDU ZORÓ, 2015), o uso do caderno escolar na pesquisa (MIGNOT, 2008).

2 METODOLOGIA

O Subprojeto: *Alfabetização Intercultural & Etnoconhecimentos* se caracteriza como um estudo qualitativo, pois entende que, “[...] um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte [...]”. (GODOY, 1995, p. 21). Ocorreu de setembro de 2018 a janeiro de 2020 na Aldeia Galajurej do Povo Zoró Panyjêj. Além da pesquisa bibliográfica, consideramos a pesquisa narrativa adequada por significar: “[...] oportunidades [...] de integrar investigação e formação no mesmo processo, [...]”. (CUNHA, 1997, p. 191).

A coleta de dados da alfabetização teve como fonte principal os cadernos escolares (MIGNOT, 2008), através da pesquisa documental, que utiliza “[...] materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, [...]”. (GIL, 2008, p. 51). Assim, foram fotografadas de dez a quinze atividades realizadas por crianças indígenas Zoró com vistas a verificar como as aprendizagens da leitura e da escrita acontecem.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Sobre a história do Povo Zoró os registros informam que até 1975 esta etnia não era conhecida pelo Estado brasileiro (BRASIL, 1975). Foi neste ano, que o sertanista Apoena Meireles sobrevoou seu território, avistando uma população aproximada de 800 pessoas próximas do Rio Fortuna, um prolongamento do Rio Branco. De acordo com o pesquisador Zawandu Zoró (2015) foi no final dos anos 1970, que ocorreu o contato oficial nas proximidades da fazenda Castanhal, época

que ocorreu uma grande redução populacional devido as doenças desconhecidas, para as quais seus organismos não possuíam defesa.

Após o contato, a vida do Povo *Pangyjej* passou por muitas mudanças principalmente nas questões culturais, no período da colonização em Rondônia. Um período marcado por muitas preocupações, prejuízos e tensões. A homologação do território ocorreu mediante o Decreto nº 265/1991, no município de Rondolândia, estado do Mato Grosso. Na atualidade, como outras nações indígenas ainda enfrentam problemas na defesa de seu território.

A comunidade Zoró é composta de “[...] aproximadamente 770 (setecentas e setenta) pessoas, cerca de 147 (cento e quarenta e sete) famílias, distribuídas em 24 (vinte e quatro) aldeias com distância umas das outras de até 100 (cem) quilômetros. [...]”. (ZAWANDU ZORÓ, 2015, p. 4). Já a Aldeia Galandjurej, local que abriga a Escola Municipal Indígena Zawyt Wawã - Anexo 5, constitui uma das comunidades da Terra Indígena Zoró, em Rondolândia, no Mato Grosso (MT). É composta por 28 pessoas, distribuídas em 6 (seis) famílias, todas falantes da língua Pangyjej, uma destas pertence a etnia Cinta Larga.

A Aldeia Galadjurej foi criada em 2015, significa, “floresta em pé”, pois a comunidade compreende a importância de viver um ambiente natural que deve ser compartilhado e preservado, uma iniciativa do clã Pag Kirej, núcleo familiar de Benamor Dabyt Zoró e Marina Zat Kāj Zoró. Foi criada devido ao difícil acesso à Aldeia Central, da escassez da caça, bem como em função da reduzida coleta de recursos florestais. A escolha do local onde a aldeia está situada ocorreu pela necessidade de ampliar a vigilância nos limites da Terra Indígena, além de ser uma região rica em produtos extrativistas como castanha, copaíba, dentre outros.

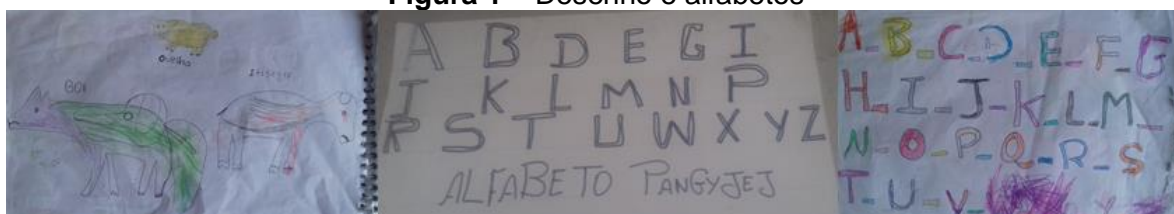
Mas, a maior dificuldade enfrentada atualmente é a chegada até a aldeia, pois em uma parte do acesso, há uma fazenda, a Fazenda Rio Branco. Constantemente, a proprietária tem impedido os Zoró de utilizar o corredor e assim eles têm sido obrigados a buscar outros caminhos, geralmente mais longos ou arriscados como passar por corredeiras, por exemplo. Além de violar o direito de ir e vir dos indígenas, a fazendeira impediu que a empresa de eletricidade instalasse a energia para chegar à comunidade.

Assim, em função destes problemas, a aldeia recém-criada ainda não dispõe de uma estrutura satisfatória para atender a contento sua comunidade, mas algumas ações vêm sendo encaminhadas junto às autoridades para a resolução destas questões.

No que diz respeito as lembranças de como foi alfabetizada, Tapip Zoró, informa que: “Fui alfabetizada na Escola *Zawyt Wawã* na Aldeia Central *Bubyrej* [...], 1998. Aprendi a ler e escrever com o professor Francisco Embusã Zoró e a professora V. [...]. nas duas línguas, [...]. Tinha muita dificuldade em aprender a escrever e ler, porque tive que estudar nas duas línguas”. A narrativa da bolsista revela que sua alfabetização aconteceu em uma escola indígena com um docente indígena e uma docente não indígena, o que sugere atividade bilíngue. O registro das dificuldades pode ter ocorrido em função do fato da alfabetizanda ser falante da língua indígena e não da língua portuguesa.

Aspectos como este nos leva a pensar sobre os desafios do bilinguismo na docência indígena: “[...], todos os esforços e ações [...] devem se concentrar na *formação bilíngüe e intercultural dos professores indígenas*. [...]” (MONSERRAT, 1984, p. 11). Nessa direção, os estudos sobre a Alfabetização Intercultural têm apontado que a atividade bilíngue em alguns casos ocorre apenas na escola já que em boa parte das situações não há correspondência com a prática social, quer dizer, as crianças são alfabetizadas em duas línguas, no entanto são falantes apenas de uma delas, a língua indígena. (NEVES, 2009). E no território Zoró como está ocorrendo o processo de alfabetização?

Figura 1 – Desenho e alfabetos



Créditos: Bolsista PIBID Indígena da T. I. Zoró.

As atividades escolares que foram coletadas em dois cadernos de estudantes Zoró apontam que em um primeiro momento o trabalho proposto na alfabetização

envolve representação icônica expressa por meio de desenhos inspirados na realidade das aldeias. Posteriormente acompanham as escritas, cópias das palavras em português e em língua indígena. O uso dos alfabetos nas duas línguas permite compreender como o contato com os marcadores de escrita vão acontecendo. Neste sentido, além de aprender o nome das letras – sua grafia e som também compreendem sua organização sequencial.

Trata-se de um aprendizado relevante para o trabalho com textos, principalmente as listas, ocasião que podem ser exploradas as letras iniciais e finais das palavras dando mais sentido ao processo conforme aponta a concepção construtivista. “[...]. As atividades de sistematização das correspondências grafofônicas, em que os alunos procuram palavras que iniciam com determinada letra ou sílaba, também podem ajudar alunos de diferentes níveis de conhecimento. [...]”. (LEAL, 2005, p. 96). Observamos também que há evidências da concepção empirista (WEISZ, 2000), traduzida na cópia das “famílias silábicas”. Uma ideia que sustenta que a aprendizagem na alfabetização ocorre por meio de repetição e memorização.

Outra questão percebida é a aprendizagem matemática. O desenho continua presente no processo e representa objetos ou seres de sua realidade. É utilizado para relacionar número e quantidade, seguido da sequência dos algarismos, seguidos também de escritos em língua materna como *Buliwej*, por exemplo, que em português significa “peixe”.

Figura 2 – Sílabas, Numerais e Desenho



Créditos: Bolsista PIBID Indígena da T. I. Zoró.

Estas amostras de atividades permitem compreender parcialmente como ocorre o processo de alfabetização no contexto Zoró. O desenho produzido pelos

próprios estudantes acompanha quase todo o percurso, um possível mecanismo atribuidor de sentido a esse trabalho.

Algumas atividades expressam as influências das cartilhas ocidentais, como memorizar mecanicamente as famílias silábicas sem uma reflexão sobre a finalidade do sistema de escrita. Emília Ferreiro (1998) critica a valorização excessiva de atividades de copiar e não de escrever por limitar oportunidades de entendimento do uso social dos eventos de escrita e leitura.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Alfabetização Intercultural que ocorre na comunidade Zoró Panyjej, no âmbito da Aldeia Galandjurej, constituiu a principal finalidade na apresentação deste texto. Trata-se de um recorte do Relatório final do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Foi possível compreender que o processo de ler e escrever de ontem e de hoje entre o Povo Zoró, no contexto estudado, envolve um conjunto de temas da realidade indígena, expresso inicialmente em língua indígena e depois na portuguesa. As atividades evidenciam de um lado cópias de famílias silábicas (concepção empirista) e de outro, trabalhos com listas de nomes de animais e desenhos que contribuem no entendimento do sistema de escrita, possíveis aproximações com a concepção construtivista.

REFERÊNCIAS

CUNHA, M. I. da. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Rev. Fac. Educ.** vol. 23 n. 1-2 São Paulo Jan./Dec. 1997.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo** 12. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas São Paulo**, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995.

MONSERRAT, R. M. F. **O que é o ensino bilíngüe**: a metodologia da gramática contrastiva. Revista Em Aberto, MEC-INEP: Brasília, julho, 1994.

LEAL, T. F. Fazendo acontecer: o ensino da escrita alfabética na escola. In: **Alfabetização**: apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MIGNOT, A. C. V. **Cadernos à vista**: escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro, Ed. UERJ, 2008.

NEVES, Josélia G. **Cultura escrita em contexto Indígena**. Orientadora: Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargos. 2009. 369f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara. Araraquara– SP, 2009.

WEISZ, Telma. **O Diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2000.

ZAWANDU ZORÓ, Agnaldo. **Processos educativos na Escola Estadual de Ensino Básico Zarup Wej Anexo I**: uma análise do currículo. Orientadora: Josélia Gomes Neves. Universidade Federal de Rondônia. Campus Urupá de Ji-Paraná. 29f.